

Dossiê Nietzsche e os Gregos.

Organização e apresentação: Rogério Lopes (Professor Departamento de Filosofia da UFMG/ e-mail: rgalopes@yahoo.com)

O presente dossiê investiga alguns aspectos da multifacetada e controversa relação entre o filósofo alemão Friedrich Nietzsche e os gregos. Como se sabe, Nietzsche teve uma formação de filólogo clássico e atuou como tal por mais de dez anos na Universidade da Basileia. Este dado é crucial para entendermos as tensões que acompanham a recepção da antiguidade clássica em sua obra. A filologia alemã na segunda metade do século XIX se viu confrontada com a necessidade de atender a dois senhores distintos e nem sempre amigáveis: a demanda por um tratamento sóbrio e científico da antiguidade, com o intuito de convertê-la em objeto de uma consideração objetiva e desinteressada; e a demanda pedagógica resultante do modelo de formação humanista, cuja ideologia se sustentava na premissa da exemplaridade da civilização antiga. Nietzsche inicia sua carreira de filólogo clássico disposto a satisfazer a esta dupla demanda: atender aos padrões de rigor metodológico estabelecidos pela comunidade dos filólogos ao longo do século XIX sem, entretanto, sacrificar a ambição civilizatória contida no modelo de apropriação ético-estética da antiguidade, forjado no século XVIII no contexto do classicismo de Weimar.

Para que isso pudesse ser alcançado, o jovem Nietzsche proporia uma dupla alteração no modelo humanista, conduzindo-o em certa medida ao seu esgotamento: a depuração da imagem da antiguidade de toda forma de idealização, determinando a recusa de toda conciliação entre paganismo e cristianismo, por um lado, e a revisão da compreensão do mecanismo da exemplaridade, substituindo a lógica da imitação pela da emulação, por outro. A primeira alteração é responsável pela inclusão no entendimento da antiguidade do elemento dionisíaco, imagem utilizada por Nietzsche para capturar os aspectos agressivos, irracionais, sombrios e conflituosos presentes na cultura grega, e o concomitante adeus ao mito da serenojovialidade helênica (a suposição de que os gregos eram naturalmente vocacionados para a beleza e a harmonia). A segunda alteração está no coração da filologia extemporânea praticada por Nietzsche: a tese é que o mecanismo da exemplaridade só pode ser posto em funcionamento na medida em que o tempo presente consegue se colocar numa relação agonística com o passado, no intuito de superar uma determinada configuração do humano dada culturalmente. Esta relação agonística é uma relação de disputa, mas é também simultaneamente uma relação amorosa. Neste sentido, a filologia praticada por Nietzsche é uma forma de tensionamento das possibilidades de humanização contidas no objeto sobre o qual ela se debruça. Esta prática é caracterizada por um engajamento em favor do tempo presente e futuro. Se esta forma de historicismo engajado for ignorada, o leitor dificilmente compreenderá as intenções de Nietzsche e o modo como ele se relaciona com o passado: paixão e cognição devem caminhar juntas na tentativa de reconstruir esteticamente o que foi a vida grega e os tipos exemplares que nos legaram a filosofia e a tragédia.

Os artigos reunidos no presente dossiê permitem ilustrar esta relação tensa com seus respectivos objetos de estudo e reflexão. Os textos de Daniel Carvalho e Oscar Santos debruçam-se sobre a relação de Nietzsche com duas orientações filosóficas do helenismo: o cinismo e o epicurismo, respectivamente. O diálogo com as filosofias helenísticas se intensifica nas obras do chamado período intermediário, momento em que o esforço filosófico de Nietzsche se volta para o cuidado de si e das coisas próximas, tendo como resultado uma filosofia distanciada da especulação e centrada na tarefa de conferir estilo ao próprio caráter. No interior desta tarefa do cultivo de si, cinismo e epicurismo comparecem tanto na qualidade de precursores quanto de

fenômenos culturais a serem diagnosticados. Ambos os autores constatarem que Nietzsche é ambíguo em sua avaliação do potencial tanto das formas de vida quanto do repertório de argumentos historicamente associados ao cinismo e ao epicurismo. Esta ambiguidade poderia ser parcialmente eliminada mediante a consideração do caráter estratégico que orienta a apropriação que Nietzsche faz da tradição, tendo sempre em vista seu interesse maior de agir sobre o tempo presente.

Os dois artigos seguintes, dos professores Enrico Müller e Rogério Lopes, se ocupam da polêmica relação de Nietzsche com Platão e com o platonismo. Ambos insistem na necessidade de relativizar a tese de que Nietzsche seria um filósofo unilateralmente antiplatônico, mas o fazem a partir de premissas distintas. Enrico Müller defende, através de um contraste entre os posicionamentos de Nietzsche na obra de juventude e de maturidade acerca do par Sócrates/Platão, que haveria uma progressiva valorização de Platão em decorrência da descoberta relativamente tardia das potencialidades literário-filosóficas da forma do diálogo por parte do filósofo alemão. Rogério Lopes examina duas teses que formam o núcleo das diversas preleções sobre Platão oferecidas por Nietzsche na Universidade da Basileia ao longo da primeira metade da década de 70: a tese de que o percurso filosófico de Platão corresponde à transição de um tipo de ceticismo metafisicamente motivado (literariamente encenado no *Teeteto*) para um ceticismo de tipo dialético, exposto no *Parmênides* e que relativiza o dogmatismo da teoria das Ideias, alvo constante dos ataques de Nietzsche nas obras publicadas; e a tese segundo a qual a personalidade filosófica de Platão deve ser identificada com a do legislador e reformador político. A conjunção das duas teses e a subordinação da primeira à segunda define o platonismo político, que teria tido grande influência sobre algumas posições de Nietzsche e na própria composição de sua persona filosófica em escritos como *Para Além de Bem e Mal*.

Este dossiê se encerra com o ensaio do Professor Günter Zöllner, da Universidade de Munique, e com a tradução da primeira parte das preleções de Nietzsche sobre Platão pelo Professor Ernani Chaves. O ensaio do Professor Zöllner se articula em torno da tese geral de que em Nietzsche se configura uma radical reconceitualização da estética mediante um retorno aos antigos do período trágico. Esta reconceitualização da estética ocorre em meio à tensão entre modernidade e crítica da modernidade e se traduz na tentativa de superação do niilismo pela via da experiência artística, na qual o mundo, em sua ausência de sentido, é recuperado enquanto “fenômeno estético”. O autor ilustra este movimento a partir do exame de dois ensaios de Gottfried Benn e de sua produção poética tardia.

Os artigos que compõem o presente dossiê nos fornecem um vislumbre do conjunto de recursos que Nietzsche mobiliza em sua prática extemporânea da filologia; as ferramentas da crítica estão a serviço da paixão filosófica e do talento poético, em um esforço conjunto de resgatar algo do frescor do passado e de desestabilizar as convicções do presente, tornando-nos intelectualmente menos conformistas. A todos uma boa leitura.